

CARLA PINHO DOS SANTOS

**A FESTA DE SANTA LUZIA SEGUNDO FIÉIS DE
SANTALUZ (BA, 1944 – 2008)**

**Trabalho de conclusão de curso em
Licenciatura em História pela
Universidade do Estado da Bahia, sob
orientação da professora Suzana
Severs.**

Conceição do coité - BA

Fevereiro/2010.

Lentamente avança a romaria
Pela escadaria da Igreja matriz
fiéis oram com muito fervor
escuta o que o padre diz,
e já sentem muito amor,
vem chegando caravana
num gesto que se oferta uma flor
Livres dos males que lhe afligem
Por um momento oscilam na amplidão,
no espaço um vento de oração,
sempre estamos atentos amigos
não queremos nunca inimigos
sempre com nossa Santa Luzia
nossa padroeira milagrosa,
em Santa Luz na Bahia.

(Nelci Lima da Cruz)

A Festa de Santa Luzia, segundo fiéis de Santaluz (BA, 1944 – 2008)

Carla Pinho dos Santos.

Graduando em Licenciatura em História,
UNEB - XIV

Resumo:

Este artigo tem como objetivo estudar os festejos populares e religiosos de Santa Luzia, desde o período da década de 40 do século XX ao ano de 2008, sob perspectiva de um grande rito coletivo que se faz presente na memória e na vida da população, sobretudo católica de Santaluz, município baiano, enfocando mudanças e permanências da tradicional festa durante seus mais de cem anos de existência, sem esquecer de registrar sua importância para os fiéis que acreditam na intercessão da Santa diante de seus males.

Palavras-chaves: Festas religiosas, devoção, manifestação cultural.

Abstract:

This article aims to study the religious festivals and Santa Luzia, from the period of the 40s of the twentieth century to the year 2008, under the perspective of a great collective rite that is present in memory and life of the population, especially Catholic Santaluz, town in Bahia, focusing on changes and continuities of traditional party during its more than one hundred years of existence, without forgetting the importance of recording for the faithful who believe in the intercession of Saint before their ailments.

Keywords: Religious, worship, cultural event.

Introdução:

O propósito da pesquisa foi estudar a experiência da festa religiosa de Santa Luzia e sua dimensão social e cultural na cidade de Santaluz. A partir de um levantamento sobre a festa, com entrevistas, conversa informal, arquivo eclesiástico e livros de memorialistas locais, decidimos priorizar o seu surgimento, as mudanças que ocorreram desde então, assim

como o que ainda há de original e por último o valor que ela representa para os fiéis e demais membros da comunidade luzense.

As entrevistas foram realizadas com memorialista, representantes da Igreja Católica, fiéis e comunidade em geral e para preservar a identidade dos entrevistados utilizamos durante o trabalho nomes fictícios. Foi usada também a observação empírica durante os festejos do ano de 2009 que permitiu junto ao levantamento já adquirido, estabelecer uma relação entre o passado e o presente no que se refere aos festejos e preparativos em comemoração à Padroeira de Santaluz.

A opção pelo tema partiu do interesse de perceber, na festa, os comportamentos, as representações culturais e as mais distintas visões de mundo das pessoas que viveram num determinado período contextual da história de Santaluz, haja vista que os festejos religiosos guardam “costumes, tradições e especificidades culturais” de um povo¹. Para isso, será analisado o histórico da devoção no município destacando como esses festejos foram iniciados e a partir daí apontar como o povo apropriou-se dela tornando-a um intercâmbio entre as diversas camadas populares, contextos históricos, sociais e culturais.

Apesar de muitos renomados teóricos e historiadores já terem pesquisado e escrito sobre religião, especificamente sobre festas populares, este tema ainda não é considerado prioritário, em detrimento de uma visão hermética, tornando-a irrelevante, pois consideram outros temas mais urgentes, principalmente para regiões menos desenvolvidas economicamente.

Como objeto de estudo, os festejos populares pertencem aos campos historiográficos da História Cultural. Apenas a partir dos anos 70 do século XX foi que os historiadores começaram a analisar as festividades cívicas, religiosas ou carnavalescas², “[...] a festa se converteu ainda no momento ideal para se pensar a religiosidade popular”³, antes “[...] os costumes, as crenças, as superstições e outras formas de sentir, agir e reagir do homem em sociedade eram enquadrados nas pesquisas do Folclore e da Antropologia ”⁴.

Desde fins do século XX as festas religiosas começaram a serem vista como um fenômeno cultural e com isso passaram a serem redescobertas e revitalizadas como um abrangente campo de pesquisa histórica, transcendendo sua visibilidade e revelando suas

¹ COUTO, Edilece Souza. **A puxada do mastro: transformações históricas na festa de São Sebastião em Olivença, Ilhéus**. Editora da Universidade Livre do Mar e da Mata, 2001, p. 203.

² Idem, p. 17.

³ Idem, p. 17.

⁴ Idem, p. 17.

crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva. A festa da Padroeira Santa Luzia se enquadra nesta perspectiva, pois é vista por muitos como parte fundamental da cultura local da cidade e região, principalmente por estar inteiramente relacionada com os aspectos históricos e culturais da cidade. Tentaremos mostrar essa vertente cultural, durante todo o trabalho.

A pesquisa se pauta em uma abordagem sobre o estudo da religiosidade, permitindo vislumbrar o entendimento acerca da compreensão de manifestações e representações coletivas mais claras e significativas no campo da pesquisa histórica. Elementos como cultura, sociedade e história reascendem as discussões em torno de aspectos pouco ou nem sempre levados em conta como o cotidiano, e aqui, de modo especial a festa.

Para o desenvolvimento deste trabalho utilizamos como base alguns teóricos, historiadores e antropólogos que já utilizaram a temática em alguns de seus diversos trabalhos e, conseqüentemente, influenciaram na transformação do tema, festa, num objeto da História. Michel Vovelle, renomado historiador francês, além de pioneiro teve um papel importantíssimo na divulgação desse novo campo historiográfico como afirma Edilece Souza Couto:

“[...] O historiador francês me parece... um pioneiro numa temática, até a década de 70, desenvolvida quase exclusivamente por antropólogos, etnólogos e folcloristas. Entretanto, mais importante do que o pioneirismo ao transformar a festa num objeto da História, foi o papel desempenhado por Vovelle na divulgação desse novo campo historiográfico [...]”⁵.

Também foram utilizados os trabalhos do folclorista Mello Morais Filho, uma referência quase obrigatória para os pesquisadores das festividades religiosas e populares, e da historiadora Mary Del Priori que fez um trabalho específico sobre festas culturais a ser publicado no Brasil.

Para discutir a idéia de sagrado e profano na festa, recorremos ao sociólogo Émile Durkheim e ao filósofo Mircea Eliade que defende que “na ótica religiosa o espaço não é homogêneo”⁶. Os trabalhos do antropólogo Ordep Serra e da historiadora Edilece Souza Couto e ainda os textos sobre devoção e festas escritos pelas historiadoras Martha Abreu e

⁵ COUTO, Edilece Souza. **Devoções, festas e ritos: algumas considerações**. Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História, p. 2.

⁶ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. P. 28.

Raquel Soihet também serviram de referencial teórico para um melhor aprofundamento do tema, ainda que alguns não sejam citados no decorrer do artigo.

O estudo do tema festa religiosa, uma das formas de cultivar os santos e imagens, foi de grande importância, pois é uma ocasião que marca a vida da comunidade, quebra o ritmo do cotidiano, mobiliza as pessoas, especialmente os católicos, e ao mesmo tempo oportuniza as diferentes gerações a interagirem através do convívio social e a diversidade cultural. Para Del Priori:

“[...] A alegria da festa ajuda as populações a suportar o trabalho, o perigo e a exploração, mas reafirma igualmente laços de solidariedade ou permite aos indivíduos marcar suas especificidades e diferenças...”⁷

Para Del Priori, “[...] a festa nasceu das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora [...]”, esses festejos são sempre “[...] realizados em determinados tempos e locais [...]”.⁸ Partindo desse pressuposto, é importante ressaltar que as festas religiosas não podem ser despojadas do seu conteúdo cultural, religioso e humano e sim partir da perspectiva que os agentes da comunidade pastoral tratem-na como um todo, integrando o divino e o humano. Nesta perspectiva é que se pretende discutir este texto ao analisar a festa da Padroeira de Santaluz.

Durante as celebrações, sempre realizadas no início de dezembro, a comunidade católica de Santaluz manifesta a sua consciência de religião e os fiéis revitalizam a sua fé em Jesus Cristo através da contemplação à Santa celebrada, conhecida como “a Protetora dos olhos”.

1. Origem da cidade e da devoção à Santa Luzia

O município de Santaluz está situado na região sisaleira, é conhecido como o território do sisal localizado no semi-árido nordeste do estado da Bahia. Essa região está a pouco mais de 200 km de Salvador e possui quase oitocentos mil habitantes na região, distribuídos em 25 municípios que compõem o denominado território. A cidade de Santaluz localiza-se aproximadamente a 258 km de distância da capital do Estado. Sua área corresponde a uma

⁷ DEL PRIORI, Mary. **Festas e utopias no Brasil colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000, p.10.

⁸ Idem.

extensão territorial de 1.597,202 km² e uma população aproximada de 35.416 habitantes segundo estimativas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística), para 2009⁹.

A cidade originou-se de uma fazenda, cujo nome era Santa Luzia devido a sua proprietária, uma viúva portuguesa chamada Maria do Amor Divino (da qual pouco se sabe), ser devota da santa. Apesar de ser dona da propriedade a viúva não chegou a vir morar na fazenda. As terras ficaram sob responsabilidade do seu procurador, o também português Sr. Antônio Lopes da Silva, que também era devoto de Santa Luzia. Posteriormente, este veio comprar a tal fazenda e passou a residir nela com sua família, segundo Nelcy Lima da Cruz, memorialista local¹⁰.

Com a chegada da estrada de ferro a fazenda Santa Luzia ganhou novos habitantes:

"A sede municipal de Santaluz se originou, ainda neste século, de uma estação ferroviária da Leste Brasileiro, obra implantada em local onde havia uma aglomeração de casas, dentro da Fazenda Santa Luzia, no município de Queimadas. Com a inauguração e utilização freqüente da estação, formou-se um arraial, sendo edificadas casas residenciais e comerciais"¹¹.

A partir daí começaram a chegar pessoas de várias cidades como Monte Santo e Gavião no estado da Bahia e de Pesqueira, em Pernambuco. Dentre esses recentes moradores destacam-se as famílias Cardoso e Leitão que construíram suas casas nos arredores da fazenda. O coronel José Leitão, foi um dos responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento da localidade, pois comercializava peles de animais transportadas de trem para Salvador e de lá para o exterior.

Aos poucos o pequeno arraial foi crescendo e se desenvolvendo, ganhando uma nova dimensão e transformando-se em 1890, na Vila Santa Luzia, pertencente à Comarca de Queimadas. Em 1935 passou a ser cidade de Santa Luzia pelo decreto estadual nº 9.601 e posteriormente, no primeiro governo de Getúlio Vargas, passou a chamar-se Santa Luz, pois existia em Sergipe uma cidade com o mesmo nome e muitas vezes as correspondências eram trocadas.

De acordo com a história popular da cidade, a Festa de Santa Luzia tem mais de cem anos. Iniciou-se no final da década de 1880, provavelmente em 1888, quando a cidade ainda

⁹ *Estimativas de População*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: < www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf>

¹⁰ CRUZ, Nelcy Lima. **Memória Histórica de Santa Luz**. 1996, p. 14.

¹¹ Guia Geral das Estradas de Ferro do Brasil, 1960; <http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba>

era uma fazenda. Seus primeiros moradores, os quais já foram citados, eram devotos da santa e por este motivo a antiga fazenda recebeu o nome de Santa Luzia:

“Ela surgiu assim que Santa Luzia foi fundada nos índices de 1880. Mas o que nós temos conhecimento é que antes era tida como rezas nas casas. [...] A partir do momento que aqui virou povoado ai eles resolveram, os religiosos, ainda não tinha paróquia em Santaluz, para que fosse começado a comemorar o dia de Santa Luzia. [...] Ainda garoto alcancei pessoas de 90 anos que lembrava que foi em 1888 a primeira missa do dia 13 de dezembro”¹².

Antes de ganhar a dimensão que hoje atrai pessoas de vários povoados e municípios próximos a Santaluz, a celebração à Santa ocorria com rezas nas poucas casas que formavam o arraial. Segundo a crença popular, sobre essas rezas pouco se sabe, temos conhecimento dessa expressão apenas pelo relato do memorialista citado acima.

A partir do momento em que a pequena fazenda passou a ser povoado, os religiosos da localidade resolveram se organizar e se comprometeram a comemorar os festejos da Santa todos os anos. No início do século XX ainda não existia paróquia na comunidade - antes a pequena capela de Santa Luzia pertencia à Paróquia de Conceição do Coité - e as comemorações passaram a ser realizadas no casarão da família Leitão¹³. Lá seguiam todos animados. Os homens com seus chapéus e bengalas indo cortejar as moças com seus belos vestidos compostos até o calcanhar. Além da festa proporcionar diversão à vila, o objetivo principal, era fazer com que todos saíssem de suas casas em detrimento da fé e devoção que tinham por sua protetora e Padroeira Santa Luzia.

A história da Santa Luzia é conhecida através da hagiografia que conta que Luzia pertenceu aos primeiros cristãos que conheceram o grande sofrimento da perseguição dos imperadores de Roma¹⁴. Luzia nasceu na Itália, no século III e morreu no ano 303 d. C¹⁵. Pertencente a uma família rica, Luzia recebeu uma rigorosa formação cristã, levando-a a fazer um voto de viver a virgindade perpétua. Com a morte do pai, ela soube que sua mãe queria vê-la casada com um jovem de distinta família, porém pagão. Mas a moça havia feito voto de virgindade eterna e pediu que o matrimônio fosse adiado. Isso aconteceu porque uma terrível

¹² Entrevista realizada com o memorialista Nelcy Lima da Cruz, memorialista do município, no dia 26 de setembro de 2009.

¹³ Família de muitas posses na comunidade. O coronel José Leitão conseguiu comprar várias fazendas em Santa Luzia, e resolveu construir uma grande casa que passou a chamar Casa dos Leitões, Casa Grande e/ou Casarão da Família Leitão.

¹⁴ Imperadores romanos tinham o objetivo de banir o Cristianismo da face da terra. Foi talvez a maior perseguição sofrida pela Igreja de Jesus Cristo até os dias de hoje

¹⁵ LEHMANN, João Baptista. **Leituras religiosas da vida dos Santos de Deus, para todos os dias do ano, apresentadas ao povo cristão**. Juiz de Fora – MG: Typ. Do “Lar Cathólico”, 1935.

doença acometeu sua mãe. Luzia, então, conseguiu convencer sua mãe a segui-la em peregrinação até o túmulo de santa Águeda ou Ágata. A mulher voltou curada da viagem e permitiu que a filha mantivesse sua castidade. Além disso, também consentiu que dividisse seu dote milionário com os pobres, como era seu desejo. Entretanto, quem não se conformou foi o ex-noivo que, ao ver o casamento cancelado, foi denunciar Luzia como cristã ao governador romano. Era o período da perseguição religiosa imposta pelo cruel imperador Diocleciano; assim, a jovem foi levada a julgamento e teve que enfrentar as autoridades perseguidoras e até a decapitação em 303.

Somente em 1894 o martírio da jovem Luzia, também chamada Lúcia, foi efetivamente confirmado, quando se descobriu uma inscrição escrita em grego antigo sobre o seu sepulcro, em Siracusa, Ilha da Sicília. A inscrição trazia o nome da mártir e confirmava a tradição oral cristã sobre sua morte no início do século IV. Porém, a devoção à Santa, cujo próprio nome está ligado à visão ("Luzia" deriva de "luz"), já era exaltada desde o século V. Além disso, o papa Gregório Magno, passado mais um século, a incluiu no cânone da missa. Os milagres atribuídos à sua intercessão a transformaram numa das santas auxiliaadoras da população, que a invoca, principalmente, nas orações para obter cura nas doenças dos olhos ou da cegueira.

A vida de Santa Luzia até hoje é vista como exemplo para seus fiéis e seguidores. Sua vida é para eles “a prova eloquente da grande influência que, sobre o homem, tem a educação que ele recebeu na infância”¹⁶. Desde o início das comemorações à Santa, os fiéis aproveitam o momento dos festejos para exaltarem a emoção e confiança em Deus e na padroeira “... a gente vê no dia principal da festa, que as pessoas demonstram muito a sua fé, que elas vêm para agradecer por aquilo que recebeu pelas dádivas que recebeu...”¹⁷. Muitos revelam os agradecimentos pelas graças alcançadas e reforçam os seus pedidos, manifestando desta forma a sua fé.

Entretanto, apesar da efervescência da festa e da fé que, percebemos ao longo da pesquisa, ocorreram algumas modificações, ainda que pequenas, principalmente em seu aspecto cultural e ritual. A respeito disso Michel Vovelle observa que:

“[...] as festividades têm “formas obstinadas”, ou seja, estruturas formais, mas também a flutuação dos elementos, que podem desaparecer, outros

¹⁶ Idem, p. 241

¹⁷ Entrevista com César realizada no dia 15 de outubro de 2009.

novos podem ser incorporados e há até mesmo a possibilidade de ressurgimento daqueles que foram abandonados ou esquecidos...¹⁸

Essas observações são válidas também para as análises das devoções e rituais, que estão enquadrados dentro das manifestações religiosas as quais não podemos perder de vista suas rupturas, descontinuidades e mutações. Veremos algumas dessas mudanças e transformações da festa mais adiante.

2. A Festa de Santa Luzia

Para o povo de Santaluz, religião e festas são temas importantes na vida diária. Constituem assunto fundamental no cotidiano de muitas pessoas, já que através delas as pessoas manifestam suas crenças, suas atitudes em relação à sua fé e, de certa forma, é um momento de lazer para muitos. Além disso, “o lazer... tem um grande potencial para cooperar não apenas no descanso e diversão que lhe são próprios, mas no desenvolvimento pessoal e social das pessoas e comunidades”¹⁹. No entanto, para as pessoas que organizam os festejos de Santa Luzia, a festa não representa propriamente momentos de lazer, mas de trabalho intenso e prazeroso, em detrimento do seu preparo e da sua realização.

A festa sempre foi vista pelos fiéis, como “um momento de evangelização”²⁰, um momento no qual se evidenciam tradições bastante vivas em Santaluz. Com a fundação da Paróquia na cidade, apenas em 1944 pelo Cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva, arcebispo de Salvador, os festejos em honra à Santa ganharam uma proporção ainda maior. Apesar de já realizadas todos os anos, a festa passou a ser comemorada com solenidade devida e com o “verdadeiro espírito de devoção cristã”²¹. A igreja passou a ter todas as prerrogativas e privilégios que competem às igrejas Matrizes: com sacristia para a conservação das coisas sagradas, em especial o precioso tesouro do Santíssimo Sacramento da Eucaristia; ganhou também uma pia batismal fixa para a administração solene do batismo, além de outros objetos necessários a uma Igreja Matriz regularmente provida²².

A maior solenidade da Paróquia é a festa de Santa Luzia. Todos os anos os fiéis não poupam esforços para expressarem sua devoção à Santa. Com a Paróquia instaurada, foi abolida a introdução pagã e recente de costumes contrários à piedade e recolhimento dos

¹⁸ VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed., 1991, p.251.

¹⁹ SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. **As dimensões de lazer das principais festas religiosas no Brasil**. Disponível em: <www.scielo.br/scielo>.

²⁰ Entrevista com José realizada no dia 05 de dezembro de 2009.

²¹ Livro de tombo da Paróquia, 1944, p. 9.

²² Idem, p. 10.

templos sagrados, como as chamadas “lavagens” da igreja com seus cantos profanos²³. Essa lavagem festiva da igreja era um serviço executado pelas mulheres e homens que faziam parte da comunidade, um trabalho realizado de maneira dispersiva, por muita gente que tornava-se inevitável molharem-se os devotos uns aos outros, tornando-se, de certa, forma motivo de grande diversão para os fiéis.

As autoridades eclesiásticas católicas muitas vezes entenderam a lavagem como um “ato profano realizado indevidamente num contexto religioso, no domínio do sagrado”²⁴. Sendo assim, percebemos que, nesse rito oriundo de promessas devotas, a vivência do sagrado dá-se de modo particularmente ambíguo, no limite de sua ligação com o profano.

Ainda hoje as lavagens são associadas, principalmente pelas autoridades eclesiásticas, como uma representação profana nas festas religiosas, com destaque para as festas populares baianas ocorridas em Salvador. Ao escrever sobre as Festas de Largo, Ordep Serra afirma que:

“[...] Esse rito há muito é protagonizado pelas baianas, isto é, por mulheres negras, sacerdotisas do candomblé, que, vestidas com trajes típicos, transportam processionalmente os vasos com água de cheiro para a lustração do adro da basílica de Itapagipe...”²⁵

As lavagens ocorridas durante a festa de Santa Luzia foi um ato que durou pouco tempo, não temos muitos detalhes sobre ela e nem sabemos ao certo o período de sua duração. Apenas a sua extinção é mencionada no Livro de Tombo da Paróquia. Poucas pessoas têm conhecimento desse ritual.

Os moradores mais antigos da cidade contam que, nas homenagens à Santa Luzia, o ritual não era executado pelas “baianas” (como ocorriam e ainda ocorrem em Salvador) e sim por fiéis, homens, mulheres e crianças, que se ofereciam para preparar a igreja para os festejos. Mas, assim como nas festas realizadas em Salvador, os representantes da igreja consideravam o rito, devido a sua grande maioria, especialmente na capital baiana ser conduzidos por sacerdotisas do candomblé, como um ato criado pelo povo dos terreiros e por este motivo resolveram abolir este rito “profano” dos festejos de Santa Luzia, como também aconteceu em algumas festividades católicas de Salvador.

Neste sentido, o termo profano, muitas vezes, se encontra usado como equivalente a “não religioso”. Todavia a ideia de profano só tem sentido numa perspectiva religiosa, ou

²³ Idem. p. 12

²⁴ ORDEP, Serra. **Rumores de Festa: O Sagrado e o Profano na Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1999, p. 72.

²⁵ Idem, p. 70.

seja, na medida em que se opõe à noção do sagrado. Nesse ponto, voltamos a um clássico. Em seu ensaio, Durkheim assinalou com clareza a correspondência estreita que vincula estes conceitos: mostrou que seria impensável uma determinação absoluta do âmbito do sagrado, pois os objetos estimados sacros variam de cultura para cultura, de religião para religião, sendo assim, o profano também varia. O autor define o sagrado em termos abstratos, caracterizando-o como aquilo que se põe de parte, que se distingue e separa do profano²⁶. Para Mircea Eliade “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais”²⁷. Desta forma “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”²⁸.

Na tentativa de evitar que elementos de outras crenças fossem incorporados às festividades, a Igreja se uniu ao poder público para tentar extinguir as lavagens, como afirma Edilece Souza Couto:

“... Por determinação do Arcebispo Dom Luis Antônio dos Santos, a lavagem da igreja foi proibida no ano de 1889. Em 17 de janeiro de 1890, as *baianas* resolveram desacatar a nova ordem e se dirigiram à colina. Ao chegar, foram surpreendidas pela polícia, que tratou logo de apreender as vassouras e os vasos de barro que continham água de cheiro... Proibidos de lavar o interior do templo, os fiéis passaram a lavar a escadaria para obter as bênçãos do Senhor do Bonfim e de Oxalá...”²⁹

O fato citado refere-se à lavagem da Igreja do Bonfim que como podemos perceber mesmo com a proibição, a lavagem persistia, “principalmente em locais distantes dos olhares das autoridades”³⁰. Porém, segundo Edilece Couto, a partir de 1930 as “tentativas da Igreja em extinguir a lavagem surtiram efeito”. Em Santaluz a proibição da lavagem parece não ter tido problemas já que os fiéis acataram a ordem sem nenhuma tipo de contestação talvez pelo fato não ter o mesmo significado da lavagem do Bonfim onde o ritual permite que lembranças de eventos passados oralmente de geração a geração, venham a tona. O festejo dedicado ao Senhor do Bonfim traz consigo as lembranças dos rituais a Oxalá. Em Santaluz era apenas a forma que eles encontravam para *limpar* a igreja e prepará-la para o dia principal da festa.

2.1 – O período das festividades

²⁶ DURKHEIM, Emile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989

²⁷ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 16

²⁸ Idem, p. 17.

²⁹ Doutora em História Universidade Federal da Bahia – UFBA. Este texto é parte de sua Tese de Doutorado: *Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'ana em Salvador (1860-1940)*.

³⁰ Idem

Há cerca de seis décadas, as celebrações à Santa Luzia ocupavam um pequeno período festivo no início do mês de dezembro. Assim que a Paróquia foi fundada, as novenas passaram a acontecer a partir do dia 04 e encerravam-se com a festa no dia 13 de dezembro. Desde 2003, passaram a ser trezenas e as celebrações começam a partir do dia 1º de dezembro.

Durante algumas décadas as homenagens eram procedidas, pela visita da Santa às casas de família pelas principais ruas da cidade, durante um mês antes da novena. Como explica a senhora Joana, moradora e uma das grandes seguidoras da festa:

“No mês de novembro a Santa visitava e saía de casa em casa era muito interessante algumas pessoas acolhiam e ofertava alguma coisa pra igreja e outras apenas recebiam não era obrigado ofertar... as pessoas chegavam à porta perguntava se queria receber... e a maioria das pessoas fazia questão, queriam que se estendesse mais, que começasse pelo mês de outubro pra que muita gente fosse receber a santa”³¹.

Segundo o depoimento de alguns fiéis essa visita da Santa às casas aos poucos foi se extinguindo e um dos motivos foi “porque naquele tempo não existiam tantos protestantes”³², ou seja, muitas pessoas se distanciaram da Igreja Católica e aos poucos “foi caindo por si só, ninguém impediu, chegou um momento que não tinha mais como sair. Depois ainda tentaram alguns anos mais tarde, mas não deu certo”³³.

A partir desses depoimentos percebemos a influência do surgimento de igrejas protestantes na vida dos católicos, já que muitos saíram do catolicismo atraído pelas demais igrejas que iam surgindo. Para Luis, membro da comunidade católica, “a campanha de porta em porta dos ‘crentes’ contra a Igreja é desigual”³⁴, mas, mesmo assim, os católicos e fiéis acreditam que, apesar dessas ideologias contrárias ao catolicismo, como a mídia, por exemplo, e da adesão de “católicos de fachada”, para as igrejas protestantes, hoje:

“[...] o fiel está mais esclarecido a respeito da sua fé e que a perseverança na religião vem da fé e da educação dos pais, além da melhoria na catequese e principalmente por nosso povo acreditar na Igreja, na comunhão dos santos e no Cristo Jesus – Salvador do mundo”³⁵.

³¹ Entrevista com a senhora Joana, realizada no dia 21 de dezembro de 2009.

³² Idem.

³³ Idem.

³⁴ Entrevista com Luis, realizada no dia 17 de outubro de 2009.

³⁵ Idem.

Desde o início as homenagens começam na Igreja com missas e novenas e se espalham por adros, praças e ruas da cidade. No início, às comemorações incluíam-se procissões, foguetórios, quermesses, leilões e bingos. Porém, se compararmos os festejos atuais daqueles celebrados nas décadas de 40 a 70 notamos que algumas mudanças ocorreram, como exemplo podemos citar alguns: não há mais quermesses nos festejos, apesar de alguns grupos ou pastorais tentarem resgatá-las; as lavagens também foram abolidas como já foi citado; os leilões também não fazem mais parte da festa assim como as antigas visitas da santa às casas dos fiéis no mês que antecedia às comemorações.

As mudanças, como vimos, são mais expressivas nas atividades complementares da festa, ou seja, o lado cultural e “profano”. Dentro da igreja, a parte litúrgica, que é a base dos festejos, permanece praticamente imutável, sem grandes transformações. Exceto no que diz respeito a temas da festa e das noites durante o trezenário, onde os organizadores sempre inserem, modificam ou excluem algo, ao menos no ano que organizam. Claro que essas transformações quando acontecem tem que ser aprovada pelo conselho da igreja, pastorais e grupos que dela participam.

Os motivos ou razões pelas quais esses e outros elementos foram sendo extintos não sabemos, porém, se analisarmos as considerações feitas pelo jornalista e cronista Antônio Vianna, podemos ter ao menos uma noção do que eles representavam, principalmente para os vigários tradicionais da época: ao escrever sobre a festa da Conceição da Praia, o autor tenta distinguir atividades realizadas na igreja, afirmando que “o Templo é para a liturgia e o arraial, para a tradição”³⁶. No entanto percebemos que, na verdade, o que o autor chama de tradição é a festa profana. Um espaço apropriado para a diversão: barracas de comida, bebida, frutas e jogos e rodas de samba. Para os fiéis de Santa Luzia, os festejos ocorridos fora da igreja não eram tidos como profanos e sim como uma oportunidade de lazer. A cidade, nas décadas de 40 a 60 do século XX, por exemplo, não tinha muitos atrativos culturais, a maior fonte de divertimentos era proporcionada pelas festas do calendário cristão em especial as homenagens aos santos, já que a maioria era a católica, sendo as comemorações à santa Luzia a principal, durante as quais se realizavam quermesses, leilões, jogos e concursos.

As festas de santos, originadas das devoções particulares e dos compromissos mantidos com os santos nas fainas diárias, pontuavam momentos em que as graças recebidas seriam contempladas e as promessas cumpridas, marcando ocasiões de relações intergrupais de acordo com Maria Cristina Cortez. Para ela, as festas:

³⁶ VIANNA, Antônio. **Casos e coisas da Bahia**. Salvador: Museu do Estado, 1950, p. 19-21.

“... Em sua concepção popular, desde a época colonial, constituíam unidades mais amplas do que simples rituais das missas, procissões e rezas coletivas; geralmente eram precedidas por faces preparatórias: com meses de antecedência. Com duração de vários dias, eram seguidas à noite por folguedos, jogos, danças, cantorias e bailes que contemplavam as comemorações de exaltação aos santos preferidos”³⁷.

Da mesma forma percebemos também que nos festejos de Santa Luzia os preparativos começam muito antes do dia principal. Há toda uma preocupação das equipes, grupos e pastorais que participam direta ou indiretamente dos planejamentos da festa para que esta ocorra da melhor maneira possível.

Para aqueles que fazem parte dos preparativos, a festa é o “ápice de um trabalho que é realizado durante todo o ano”³⁸. Esse trabalho de preparação decorre durante todo o ano. O grupo ou as pessoas envolvidas na organização buscam definir tarefas a serem alcançadas com o objetivo de angariar fundos para cobrir as despesas financeiras da Paróquia.

O primeiro passo para os preparativos é escolher a equipe central da festa, um grupo que será responsável pela organização da mesma, uma escolha feita pelo Pároco e o Conselho Paroquial. Essa equipe se responsabilizará pelas arrecadações, pela preparação dos festejos, escolhas de temas e demais atividades. Porém o grupo não trabalha sozinho ele conta com a ajuda de outros grupos e pastorais que fazem parte da igreja. Esses grupos discutem suas opiniões e sugestões, para abrilhantar ainda mais a festa, e ainda ficam encarregados de alguma função durante todo o período festivo.

As equipes, juntamente com o grupo responsável, ficam encarregadas pelas construções das barracas, iluminação, carro de som e também no que diz respeito às imagens da festa como a criação dos cartazes, camisas com a imagem da padroeira, artigos religiosos, artesanato e a famosa venda de Ambrosias: mingau, bolos, arroz-doce, entre outros. Todo o trabalho é feito em parceria com o comércio local, a prefeitura, a câmara de vereadores, a comunidade católica, empresas e cidadãos que doam valores em espécie ou objetos para serem realizados bingos ou colocados à venda nas feiras.

No início do mês de dezembro começam as trezenas, ou seja, treze dias de comemoração à Santa Luzia. Antes acontecia o novenário, porém os conselhos e pastorais da

³⁷ WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível. IN; NOVAIS, Fernando A; SOUZA, Laura de Mello e (orgs). **História da vida privada no Brasil: República – de Belle Époque à Era do Rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³⁸ Entrevista com Jorge realizada no dia 06 de outubro de 2009.

igreja achavam que os nove dias era pouco, então tiveram a ideia de fazer as trezenas. Essa mudança é recente, aconteceu já neste século, em 2003.

Durante esses treze dias a Igreja fica em festa; são momentos onde os fiéis, em sua maioria, rezam para obter alguma graça especial ou para agradecer por algo recebido. Todas as noites há uma grande aglomeração de pessoas que vão demonstrar a sua fé, especialmente os jovens, que vão, em sua maioria, apenas pelo lado cultural, da diversão e do lazer, já que sempre acontecem bingos, teatro, música e barracas com comida e artesanato.

No período das trezenas as celebrações ocorrem pela manhã com as caminhadas, e à noite com as missas e um pouco de diversão no lado exterior da Igreja. Durante as manhãs são realizadas cinco caminhadas em dias alternados, em direção a alguns bairros da cidade, a fim de que este tenha uma participação mais ativa e que as pessoas possam compreender o sentido da festa. À noite acontece as missas que sempre tem sub-temas diferentes e homenageados especiais: agricultores, vaqueiros, comerciantes, professores, crianças, médicos, autoridades, enfim, pessoas importantes que fazem parte da comunidade local. Ao fim da celebração é comum as pessoas ficarem nos arredores da Igreja e participarem de bingos, ouvirem músicas, assistirem alguma apresentação teatral e comprarem comida ou artesanatos expostos.

Durante esses treze dias de festejos, foi possível perceber, através de observações presenciais,³⁹ como ela faz parte da cultura do povo. E se é cultura – é manifestação do povo. Não se pode negar em tempo algum a existência de pessoas que com seus serviços pela comunidade, tornam-se um marco para a história: um padre que tomava conta daquela freguesia, que batizava os fiéis e seus filhos; o prefeito que estava presente ou ausente naquela época; os romeiros que alcançavam graças mandadas por Deus e intercedidas por Santa Luzia. Sendo assim, podemos rever o passado e constatar como o povo manifestava (e ainda manifesta) a sua fé, o seu testemunho e sua vida.

Original em registrar as festas populares e em procurar associá-las a uma suposta identidade nacional brasileira, Moraes Filho defendia que “a festa, popular e católica, tornava-se o local da criação do povo”⁴⁰. Na perspectiva do autor, as festas proporcionavam “um encontro de diferentes segmentos sociais e étnicos, misturando costumes e pessoas”⁴¹. Desta forma, podemos considerar que os festejos da festa de Santa Luzia ocorridos em Santaluz, são manifestações culturais, ou seja, faz parte da cultura local, pois na festa é possível

³⁹ Observação dos festejos em 2008 e 2009.

⁴⁰ MORAIS FILHO Melo. **Festas e tradições populares no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979. P. 23.

⁴¹ Idem.

compreender a dinâmica de sociabilidades, as quais fomentam identidades de variados agrupamentos humanos e sociais.

3. A devoção: o dia principal da festa

As festas brasileiras em devoção aos “milagrosos santos” continuam atraindo multidões que chegam a romarias a pé, de carros ou em modernos ônibus. Em Santaluz não é diferente. As razões que atraem uma multidão a este festejo são diversas: uns por mero divertimento, outros para cumprir as suas promessas, especialmente relacionadas com pedidos de ajuda a Santa Luzia na cura de “males” da visão, entre outros.

Todos os anos são comuns chegarem sacerdotes das paróquias vizinhas para solenizar, juntamente com o vigário local, os festejos finais em homenagem à Santa protetora dos olhos. O início da festa religiosa é sempre marcado pelo barulho dos fogos que anunciam às cinco horas da manhã a entusiasta alvorada que percorre as principais ruas da comunidade. Utilizá-los para anunciar os festejos não é uma prática atual como afirma Del Priori:

“[...] O uso de fogos para abrir a festa constituía uma tradição que pouco a pouco, ganhava dimensões de propaganda governamental, ou de resistência de elites contra o mesmo governo... o foguetório tornava-se um instrumento caro, porém eficaz, de poder...”⁴²

Assim como na colônia, os fogos abriam e ainda abrem o dia principal da festa. Eram sempre patrocinados pelos comerciantes de “certo poder” econômico político e social e pelas autoridades locais, que aproveitavam desse momento para se aproximarem do povo e mostrar benevolência.

A festa de Santa Luzia desde muito tempo desenrola-se parte na rua e parte na igreja. A alvorada anuncia ao povo luzense o raiar de seu maior dia, marcando o início das festividades e acordando a cidade para a sua festa. Para alguns é um momento de diversão para outros um ritual de devoção. Pelas principais ruas da cidade uma longa fileira de carros, motos, bicicletas e um carro de som com músicas em louvor à Santa e muitos fogos, percorrem alegremente a cidade convidando as pessoas a assistirem ou participarem do cortejo.

Após o momento da alvorada, o badalar dos sinos convida a comunidade para a liturgia. O Padre diante do altar da Igreja ricamente ornamentada com flores e imagens dos

⁴² DEL PRIORI. Op. Cit., p. 45

santos, em destaque para a Santa homenageada, celebra a missa. No início das festividades ocorriam três missas: às sete, oito e dez horas da manhã; com o tempo passaram a acontecer apenas duas liturgias, porém há cerca de oito anos foi acrescentada uma missa no período da tarde. A primeira missa é celebrada às sete horas da manhã, conhecida como a Missa de Comunhão Geral das associações paroquiais e de todos os fiéis, acompanhada de cânticos por todo o povo presente. A segunda acontece às dez horas da manhã, é conhecida como Missa Solene⁴³ e por muito tempo foi denominada por alguns fiéis como “missa dos ricos” por estarem presentes, autoridades políticas, comerciantes e demais pessoas consideradas da “elite luzense”. Essa denominação perdurou durante algumas décadas e, até meados dos anos 90, ainda era comum ouvir essa nomenclatura, apesar de já ser muito frequentada por outras classes sociais desde a década de 70, como afirma a senhora Júlia, moradora da comunidade.

“... Naquele tempo, anos 50 mais ou menos, a minha mãe não permitia que eu fosse à missa das dez horas porque eu não tinha roupa apropriada. As minhas colegas me perguntavam se eu ia a missa e eu falava que iria apenas para a missa de sete horas. Eu tinha vergonha de dizer que não tinha um vestido novo para ir a missa. Todas elas usavam vestidos de organza e um dia minha comprou um pedaço de pano pra mim, eu fiquei tão alegre e disse: agora eu posso ir a missa das dez. Mas, nos anos 70 eu acho, as coisas começaram a mudar e as pessoas passaram a frequentar esse horário”⁴⁴.

Como podemos reconhecer havia certa “hierarquização social” nestas festas, ao menos nos horários das celebrações, onde a classe popular, não costumava frequentar o horário da Missa Solene às 10 horas da manhã, assim como as pessoas providas de certo status social também não frequentavam o horário da celebração das sete horas.

Aparentemente esta “separação” de classes não mais existe, apesar de ainda ser a missa preferida da elite e autoridades luzense, muitas pessoas de outros setores sociais como lavradores, vaqueiros, domésticas, funcionários público entre outros já participam desta cerimônia mostrando que a antiga denominação, caracterizada como uma divisão social de classes, já não faz mais parte do cenário da festa.

Após as missas, no final da tarde, inicia-se o ponto alto das homenagens: a procissão. A Santa não sai sozinha às ruas, é acompanhada da imagem de Nosso Senhor Jesus Cristo e de Nossa Senhora. O cortejo, formado por fiéis e sacerdotes, segue pelas principais ruas com muita alegria e fervor e acontecem atualmente após a missa das dezesseis horas que é

⁴³ Nome geralmente dado à missa celebrada por vários ministros, com maior duração e solenidade, por ocasião de alguma festa ou ocasião especial.

⁴⁴ Entrevista realizada com a senhora Júlia no dia 29 de outubro de 2009.

celebrada pelo Bispo de Salvador, o Padre da paróquia e demais sacerdotes de cidades vizinhas que sempre estão presentes nas homenagens à Santa Luzia. Essa missa acontece sempre no lado de fora da igreja devido esta ficar pequena para o grande número de fiéis.

Aqueles que não seguem o cortejo esperam a chegada em frente à igreja. Quando este se aproxima, fogos estouram no céu. De longe se ouve o som de música e os gritos: “Viva Santa Luzia! Viva Nosso Senhor Jesus Cristo!”

É comum presenciar algumas pessoas vestidas de branco com os pés descalço; outras entregando santinhos; e ainda algumas acendendo velas, todos manifestando a sua fé em Deus e na Santa, pedindo e agradecendo pelas graças alcançadas. Como podemos perceber no depoimento de Luis.

“[...] Ao encontro de sua padroeira destaco os rostos dos romeiros que vêm pedir a intercessão da Santa para a cura da doença dos olhos e de outros males do corpo e da alma. O nosso povo está carente de tudo, mesmo assim, carrega na alma e no coração a esperança de serem escutados todos os seus pedidos lá no céu por Deus. O que mais me comove é a demonstração de fé das pessoas: pés descalço, roupa branca, pedidos de luz para a suas vidas [...]”⁴⁵

A música é um acompanhante a mais na devoção dos fiéis que, juntamente com o coral da igreja, cantam o famoso hino à Santa homenageada:

“Ó Virgem Santa Luzia
a vossa festa nos assista
alcançai o Bom Jesus
que nos queira guardar a vista...”

A chegada do cortejo anuncia que as celebrações à Padroeira estão chegando ao fim, ao menos aquele ano. Assim que os andores chegam ao altar improvisado, feito para este dia, o padre agradece à presença dos fiéis, às pessoas que colaboraram para o brilhantismo daquelas solenidades e encerra o préstito com a Benção Solene do Santíssimo Sacramento.

A devoção à Santa Luzia, enquanto sentimento religioso, dedicação e consagração a uma entidade, têm caráter íntimo e individual. Porém, o devoto não se satisfaz apenas com essas características da fé. “É no espaço público das ruas – em procissões, cortejo e festas - e

⁴⁵ Entrevista com Luis, realizada no dia 17 de outubro de 2009.

nos templos e santuários – na realização dos rituais – que costumam expressar veneração”⁴⁶. E a festa, um ato essencialmente coletivo, é a maneira que a população encontrou para demonstrar a sua devoção à Santa Luzia.

Considerações Finais

Estudar a festa religiosa de Santaluz nos permitiu entender como as práticas religiosas da Igreja Católica, as comemorações aos santos, as novenas e as missas, sempre foram muito presentes na vida dos fiéis católicos promovendo valores cristãos e religiosos. Os trabalhos citados no texto mostram a importância que alguns historiadores, teóricos e antropólogos caracterizam atualmente as festas populares como modo de se entender a sociedade. Vovelle por exemplo, considera a festa um “importante campo de observação por ser o momento em que o grupo projeta simbolicamente sua representação do mundo”⁴⁷.

Analisar festas religiosas é um propósito que merece destaque devido às suas inúmeras possibilidades de pesquisa histórica. Este trabalho explorou apenas uma pequena variante do tema, que foi a descrição da festa de Santa Luzia: suas origens, características, continuidades e rupturas, frente às necessidades individuais cada vez mais urgentes de buscar entender a formação histórica da gente luzense por meio de suas manifestações populares, sobretudo a sua religiosidade. Não foi nossa intenção discutir a temática no campo da historiografia, apenas apresentamos alguns teóricos que mostraram interesse pelo tema.

Através das entrevistas percebemos como a festa em louvor a Santa Luzia é importante para os católicos de Santaluz e cidades vizinhas, especialmente os fiéis à santa. Muitos depositam a confiança de dias melhores naquele período. Esse fato é muito visível, pois nos dias dos festejos, as noites do trezenário e o dia principal da festa, estão sempre lotadas de pessoas que vão demonstrar a sua fé, fazer pedidos e agradecer por graças alcançadas. No entanto, foi comum ouvir dos entrevistados, que, em outras épocas, a participação dos católicos nas missas e demais eventos organizados pela igreja, não é fiel, apesar da igreja estar sempre cobrando fidelidade e mais participação dos católicos.

Por ser um ato coletivo a festa implica uma determinada estrutura social de produção. Como vimos durante todo o artigo ela é preparada, custeada, planejada e montada segundo

⁴⁶ COUTO, Edilece Souza. **Devoções, festas e ritos: algumas considerações**. Revista Brasileira de História das Religiões. Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História, p. 9.

⁴⁷ VOVELLE. Op. Cit., p. 235.

regras elaboradas no interior da vida cotidiana. Este tipo de festa geralmente são organizadas como forma de reciprocidade, de retribuição ou de agradecimento por uma graça alcançada e que necessita ser retribuída.

Como já foi citado no início deste trabalho o interesse dos profissionais da História em analisar rituais, festas, devoções e fenômenos religiosos ganharam impulso apenas a partir dos anos 70 do século XX. A religião popular é, para os historiadores, uma descoberta tardia, afirmava Vovelle⁴⁸. Podemos incluir, nesse atraso, o estudo das devoções e festas. No Brasil, por exemplo, somente a partir da década de 80 do século XX que surgiram trabalhos realizados sobre manifestações religiosas populares. Comportamentos, atitudes de determinados grupos religiosos, rituais e práticas religiosas tornaram-se interessante “para historiadores preocupados com a compreensão da cultura popular”⁴⁹.

Portanto, reconhecemos que essa temática é extremamente ampla, todavia nosso interesse não foi analisar os mais variados campos de conhecimento que contribuíram para a configuração dos estudos voltados às manifestações religiosas, pois o objetivo do trabalho foi apenas descrever a principal manifestação religiosa de Santaluz. “As representações religiosas são representações coletivas, que exprimem realidades coletivas...” afirmava Durkheim⁵⁰. Nesta perspectiva, ao estudar a festa de Santa Luzia, ao longo dos seus anos, nos permitiu entender que ela é um acontecimento coletivo que ultrapassa o sentido de comemoração e ajuda a reforçar os laços sociais e afetivos, aproximando as pessoas e lhes dando um sentido de comunidade.

⁴⁸ VOVELLE. Op. Cit., p. 251.

⁴⁹ COUTO. Op. Cit., p. 203.

⁵⁰ DURKHEIM. Op. Cit., p. 237.

Entrevistados

NELCY LIMA DA CRUZ – memorialista do município. Entrevista realizada dia 26 de setembro de 2009.

JOSÉ SILVA MATOS – membro do Grupo Oração da Unidade da Paróquia de Santa Luzia. Entrevista realizada dia 05 de dezembro de 2009.

JOANA ARAÚJO DOS SANTOS – membro do Grupo da Liturgia da Paróquia de Santa Luzia. Entrevista realizada no dia 21 de dezembro de 2009.

LUIS PEREIRA DE GOÉS – coordenador e membro do Grupo da Liturgia. Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2009.

JORGE DE OLIVEIRA BARRETO – membro do Grupo de Renovação Carismática. Entrevista realizada no dia 06 de outubro de 2009.

JULIA SANTOS SANTANA – moradora de cidade e há muitos anos devota de Santa Luzia. Entrevista realizada no dia 29 de outubro de 2009.

MARIA CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA – uma das colaboradoras na construção da igreja matriz de Santaluz e devota fervorosa de Santa Luzia. Entrevista realizada dia 30 de novembro de 2009.

MARGARIDA DA SILVA BRITO – devota de santa Luzia e membro do Conselho Paroquial. Entrevista realizada dia 03 de dezembro de 2009.

*Exceto o memorialista, os nomes dos entrevistados foram modificados com a intenção de preservar as suas identidades.

Referências

ABREU, Marta. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no rio de Janeiro 1830 – 1900*. Nova Fronteira, 1999.

_____. *Mello Morais Filho: festas, tradições populares e identidade nacional*. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo (orgs). *A História Contada*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

COUTO, Edilece Souza. *Festejar os santos em Salvador: Tentativas de reformas e civilização dos costumes (1850-1930)*. In: BELLINI, Ligia. *Formas de Crer: ensaios de história religiosa no mundo luso-afro-brasileiro, século XIV-XXI*. Salvador: Edufba, 2006.

_____. *A puxada do mastro: transformações históricas na festa de São Sebastião em Olivença, Ilhéus*. Editora da Universidade Livre do mar e da mata, 2001.

_____. *Devoções, festas e ritos: algumas considerações*. *Revista Brasileira de História das Religiões – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História*.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. Disponível em: www.estacoesferroviarias.com.br/ba_paulistana/santaluz.htm. Acesso em 12 de janeiro de 2009.

DEL PRIORI, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense. 2000.

DURKHEIM, Emile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Estimativas de população. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/estatística/população/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf >. Acesso em: 14/08/2009.

JANCSÓ, Istevan. *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: FAPESP, 2001.

LEHMANN, João Baptista. *Leituras religiosas da vida dos Santos de Deus, para todos os dias do anno, apresentadas ao povo christão*. Juiz de Fora – MG: Typ. Do “Lar Cathólico”, 1935.

MORAIS FILHO, Melo. *Festas e tradições populares no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *As dimensões de lazer das principais festas populares religiosas no Brasil*. Disponível em: www.uspleste.usp.br. Acesso em 20.06.2009.

SERRA, Ordep. *Rumores de Festa: o sagrado e o profano na Bahia*. Salvador. Edufba, 2000.

SOIHET, Raquel. **Festa da Penha: resistência e interpretação cultural (1890 – 1920)**. In. Maria CUNHA, Clementina Pereira. (orgs). *Carnavais e outras festas*. Campinas: UNICAMP, 2002.

SOUZA, João Carlos. *O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá passagens do século XIX para o XX*. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em 20.05.2009.

VIANNA, Antônio. *Casos e coisas da Bahia*. Salvador: Museu do Estado, 1950.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. *Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível*. IN: NOVAIS, Fernando A; Souza, Laura de Mello e (orgs). *História da vida privada no Brasil: República de Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.